

## JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO E A CLÂMIDE ROMANA DE MACHADO DE ASSIS

Procuro investigar neste artigo algumas reminiscências da tradução dos *Amores*, de Ovídio, editada no Brasil em 1858 por José Feliciano de Castilho – um dos próceres da divulgação da Literatura Latina no Brasil do Segundo Reinado –, sobre os "Versos a Corina" de Machado de Assis. Arrisco-me, portanto, em terreno insólito, pois a poesia machadiana e sua relação com a herança clássica são temas, principalmente o segundo deles, até hoje pouco explorados pela crítica.

É verdade que os *carmina* do nosso maior prosador mereceram – por ocasião da efeméride de seu centenário de morte, celebrada em 2008 – dois empreendimentos editoriais de vulto, quais sejam: 1) a criteriosa coletânea de "Poesia" inserida no terceiro volume da aumentada e atualizada reedição da *Obra completa* da Nova Aguilar<sup>1</sup> e 2) a publicação avulsa da produção poética machadiana em *Toda a poesia de Machado de Assis*, organizada por Cláudio Murilo Leal.<sup>2</sup>

Embora se deva reconhecer que, no plano filológico, nenhuma das recentes obras exceda as *Poesias completas* editadas pela Comissão Machado de Assis,<sup>3</sup> elas têm como mérito o grande número de poemas coligidos, (des)coabrindo, além daqueles que saíram em livro, publicações esparsas que tiveram lugar durante toda a vida do nosso maior autor. Essas novas edições, por conseguinte, refletem anos de empoeiradas pesquisas em jornais, revistas e em toda espécie de documentos autógrafos ou de creditável autoria machadiana e, por isso, constituem resultados preciosos de empreendimentos investigativos de gerações de estudiosos, sejam eles motivados por iniciativas particulares ou, principalmente nas últimas décadas, financiados por organizações públicas e privadas.

---

<sup>1</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. 2. ed. Organizada por A. Leite Neto, A. L. Cecilio e H. Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Organizada por C. M. Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Edição crítica da Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Esses novos *corpora* constituem uma profícua seara para os estudos da poesia de Machado de Assis, e a própria perspectiva que ensaio aqui sobre esse legado poético encontra neles um campo vasto a ser desafiado e explorado.

\*

Uma leitura de *Crisálidas* (1864), o primeiro livro de poesia publicado por Machado de Assis, revela já pelos títulos dos poemas a presença da Língua e da Literatura Latinas. "*Musa consolatrix*" abre o livro, depois vêm "*Stella*", "*Visio*", a rainha egípcia "*Cleópatra*" e a ovidiana musa de "*Versos a Corina*".<sup>4</sup> De fato, o Latim, ainda hegemônico na diplomacia, na ciência e na religião, constituía, naquela metade do século XIX, um distintivo a ser exibido nos livros e nos salões, de modo que havia um culto às Literaturas e às Línguas Clássicas e um cultivo delas, seja nas citações de textos originais, seja nas traduções que os literatos do período recitavam nos saraus ou divulgavam por escrito a sempre ávidos leitores.

Desconhecemos hoje, todavia, quase por completo, os responsáveis pela manutenção da tradição clássica no período, tanto no magistério quanto no campo tradutório. Salvo uma ou outra personalidade mais laureada, como é o caso do hoje reconhecido Odorico Mendes, jazem no esquecimento os homens que apregoavam nas escolas, livros e jornais os tão prezados saberes clássicos. Se, ao que parece,<sup>5</sup> Machado de Assis não lia obras no original latino ou grego, paira uma espécie de bruma sobre as fontes de bordões, figuras mitológicas e excertos de literatura greco-romana que marchetam seus textos. Evidentemente, havia um largo acesso à tradição francesa representada na época por coleções como as editadas pelas casas Panckoucke, Lemaire e Garnier – esta última cuja presença na biblioteca machadiana pode ser verificada –,<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Essa característica classicizante de *Crisálidas* foi tenuamente censurada por Caetano Filgueiras no prefácio à primeira edição da obra: "a clâmide romana em que se envolve o poeta lhe dissimula – o vácuo do coração, e o coturno grego, que por suado esforço conseguiu calçar, lhe tolhe, apesar de elegante e rico, a naturalidade dos movimentos" (FILGUEIRAS, Caetano. O poeta e o livro: conversação preliminar. In: MACHADO, Ubiratan. (org.) *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. p. 53). Como fica evidente, foi daí que tomei a "clâmide romana" do título deste artigo.

<sup>5</sup> Na lista de línguas que Machado conhecia constam "o alemão, o espanhol, o francês, o inglês e o italiano" (MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Trad. de Oseias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2008. p. 47). Convém ressaltar que uma interpretação mais aguçada do "domínio" greco-romano na obra machadiana ainda está por se fazer.

<sup>6</sup> MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001. p. 38-40.

mas havia também uma incipiente e influente produção local (brasileira ou luso-brasileira), que hoje jaz esquecida.

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879), cognominado no meio jornalístico e literário ora por Castilho José, ora por José Feliciano de Castilho, era irmão do poeta Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), um dos personagens centrais do Romantismo em Portugal. Chegando ao Rio de Janeiro em 1847 e aí vivendo até 1879 – quando veio a falecer –, ele é considerado um daqueles homens binacionais que Hélio Vianna chamava de luso-brasileiros.<sup>7</sup> Era polígrafo, tendo atuado como jornalista, filólogo e tradutor de latim. Acolhido no círculo de amizades do imperador D. Pedro II, o filolatinista Castilho José contribuiu ao lado de Simoni, Ramiz Galvão e Cardoso de Meneses para a divulgação da literatura clássica no Segundo Reinado.<sup>8</sup> Como indicadores da presença clássica nesse período, constam testemunhos de saraus literários havidos nas dependências do Colégio D. Pedro II com a presença do monarca, nos quais se reuniam alguns dos mais destacados literatos e onde algumas vezes se declamavam traduções de Literatura Latina.<sup>9</sup>

No Brasil, Castilho José era uma figura eminente nos círculos literários da corte, devido a seus apreciados dotes vernáculos e à impactante influência de sua família: D. Pedro II valorizava os saberes clássicos, professando uma espécie de tardo-neoclassicismo que mantinha afinidades com a militância literária de Antônio Feliciano de Castilho. Ora, benquerenças estéticas à parte, os laços de sangue que ligavam os

---

<sup>7</sup> VIANNA, H. Um intelectual português na corte de D. Pedro II: José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. *Brasília*, Coimbra, vol. 5: 465-85, 1950.

<sup>8</sup> O italiano naturalizado brasileiro Luís Vicente de Simoni (1792-1881) lecionou Latim no Colégio D. Pedro II e dele constam, na Biblioteca Nacional, várias traduções manuscritas de autores latinos. Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938), o Barão de Ramiz, foi professor de grego no Colégio D. Pedro II e sua tradução do *Prometeu acorrentado* foi reeditada por Haroldo de Campos e Trajano Vieira (ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 255-286). João Cardoso de Menezes Sousa (1827-1915), o Barão de Paranapiacaba, possui publicadas duas versões do *Prometeu acorrentado* feitas a partir de uma tradução literal de D. Pedro II (cf. PARANAPIACABA, Barão de. *Prometeu acorrentado: parte II. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, tomo 67, 1906).

<sup>9</sup> Cardoso de Meneses dá testemunho de declamações da *Aululária* vertida por ele próprio e da *Farsália* traduzida por José Feliciano de Castilho (In: PARANAPIACABA, Barão de. *Prometeu acorrentado: parte II. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, tomo 68, p. 39 e ss., 1907). Antônio Feliciano de Castilho também alude a essas leituras públicas na dedicatória a D. Pedro II constante da segunda edição do drama *Camões*, saído primeiramente em 1849: "mais longe pudera eu levar a defesa e apologia da minha dedicatória; pudera transcrever interessantes e curiosos trechos da correspondência do meu irmão José Feliciano de Castilho, sobre as suas leituras e largas conferências literárias com o senhor D. Pedro II" (CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Camões*. 2. ed. Coimbra: Tip. Franco-Portuguesa, 1863. p. 102).

irmãos Castilhos serviam estrategicamente para colocar o monarca e a literatura praticada sob sua égide em situação de evidência no ambiente literário europeu.

E por falar do ilustre irmão de Castilho José, as relações entre Castilho Antônio e o imperador se estreitaram em 1855, por ocasião da visita do poeta romântico às terras ultramarinas para divulgar o seu método de alfabetização, o então famoso *Método Castilho*. Nas suas conferências esteve presente o próprio imperador e, nesse período, há notícias de os dois terem se frequentado. O bardo lusitano lera ao imperador o drama *Camões* traduzido do francês, obra que lhe dedicara quando da primeira edição em 1849.<sup>10</sup> A afinidade entre os dois crescera ao ponto de o monarca, depois, convidá-lo para a cadeira de Língua Portuguesa no Colégio D. Pedro II, de que se escusou gentilmente o poeta.

Esse bom trânsito dos Castilhos na corte de D. Pedro II proporcionou-lhes a publicação dos *Amores* (1858)<sup>11</sup> e da *Arte de Amar* (1862),<sup>12</sup> na tradução do Antônio e com comentários do José, curiosamente obras cuja reprodução na austera Europa era um tanto comprometedoras. Em relação à primeira delas, o comentador declara enfaticamente que a imprimiu sem autorização expressa do tradutor, embora lembre que a obra fora elaborada no Brasil no ano de 1855, quando da estada de Castilho Antônio neste país. Essas traduções eram, independentemente do favor imperial, obras de qualidade alinhadas com os estudos e traslados ovidianos produzidos na Europa de então. Se considerarmos as publicações das traduções do maranhense Odorico Mendes, a saber, a *Eneida brasileira* em 1854 – edição esgotada em 15 dias –<sup>13</sup> e o *Virgílio*

---

<sup>10</sup> "O primeiro ouvinte deste poema foi Sua Majestade Imperial, que, na sua chácara de Santa Cruz, teve a bondade de permitir se lesse inteiro, e de um só fôlego, na sua augusta presença; e, consinta-se-me a gloriosa revelação, o honrou com reflexões, ao mesmo tempo de profundo juiz, e de protetor benévolo, permitindo afinal que sob tal e tamanho nome, e auspícios tão faustos saísse, como saiu, e agora torna a sair, a público" (CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Camões*, cit., p. 96).

<sup>11</sup> Trata-se de uma monumental edição composta pela tradução – ou paráfrase, como os autores preferem chamá-la – de Antônio Feliciano de Castilho em três volumes, e pela "Grinalda Ovidiana", redigida por Castilho José, um compêndio de notas, comentários e referências intertextuais de Ovídio, que perfaz um total de oito volumes, 785 páginas (OVÍDIO. *Os amores de P. Ovídio Nasão*. Paráfrase por Antonio Feliciano de Castilho, seguida pela "Grinalda Ovidiana", por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858. 11 volumes).

<sup>12</sup> Edição composta por três volumes, dos quais o primeiro traz a tradução de Antônio Feliciano de Castilho e os dois seguintes, a *Grinalda da Arte de amar*, à semelhança daquela dos *Amores*, um compêndio de comentários, anotações e traduções de poesia clássica (OVÍDIO. *Arte de amar de Publio Ovídio Nasão*. Tradução de A. F. de Castilho seguida de comentários de J. F. de Castilho. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862. 3 volumes).

<sup>13</sup> Como declara nota da imprensa da época: "A tradução da *Eneida* de Virgílio, pelo Sr. Manuel Odorico Mendes, tem merecido aplauso geral. Em menos de quinze dias se esgotaram oitocentos exemplares, isso

*brasileiro*, em 1858, editadas também com especial apuro, pode-se entrever o grau do classicismo em que mergulhavam nossas letras.

Acrescento a esse *corpus* as publicações de substanciais excertos da *Farsália*, de Lucano, traduzidos por Castilho José e publicados em jornais e revistas. Aliás, os meios impressos que em Portugal e no Brasil divulgaram esse trabalho bem ilustram o seu círculo de influências. Aqui vieram a lume o primeiro canto, publicado integralmente no *Diário Oficial do Império do Brasil*, em dezembro de 1864, e o canto VI, que saiu no *Diário do Rio de Janeiro*, órgão em que Machado de Assis, nesse período, contribuía assiduamente. Em Lisboa, a *Farsália* teve acolhida na *Revista Contemporânea Portugal-Brasil*, que deu a versão integral do canto VII (1864), e no *Arquivo Pitoresco*, cujo exemplar, datado de 1862, mas publicado também em 1864, trouxe a metade do canto X.

É nesse ambiente que vêm a público as machadianas *Crisálidas*. Mais do que erudição vã, o tom classicizante dos poemas do livro é condizente com o prestígio que a Literatura Clássica gozava na segunda metade do século XIX. Daí os títulos latinos, aos quais aludi no início, e a roupagem romana de alguns poemas, cuja série de símiles cesáreos de "Os arlequins" bem testemunham.<sup>14</sup> Daí um poema como "Versos a Corina", sem dúvida o mais comentado de *Crisálidas*, guardar traços de tema, estilo e forma com as canções dos *Amores* de Ovídio traduzidas por Castilho Antônio e divulgadas em solo brasileiro por Castilho José.

Não pretendo amesquinhar a memória de Machado de Assis, evidenciando os interesses em uma possível projeção literária da amizade que ele veio a desenvolver com o influente filolatino, outros já caíram nessa facilidade senão de má índole, de péssimo gosto.<sup>15</sup> A ideia aqui é lançar luzes sobre o contexto de produção e reescritura

---

considerando que esse novo livro não está ao alcance de todas as inteligências. O Exmo. Sr. Pedreira, ministro do Império, mandou subscrever mais oitenta exemplares, os quais fez espalhar por todas as bibliotecas do império (*Guanabara*. tomo 2, n. 7, p. 250, setembro de 1854).

<sup>14</sup> "Como aos olhos de Roma,/ – Cadáver do que foi, pávido império/ De Caio e de Tibério, – / O filho de Agripina ousado assoma;/ E a lira sobraçando,/ Ante o povo idiota e amedrontado,/ Pedia, ameaçando,/ o aplauso acostumado;/ E o povo que beijava/ Outrora ao deus Calígula o vestido,/ De novo submetido/ Ao régio saltimbanco o aplauso dava./ E tu, tu não te abrias,/ Ó céu de Roma à cena degradante!/ E tu, tu não caías,/ Ó raio chamejante!" (ASSIS, Machado de. *Poesias completas*, cit., p. 194-195)

<sup>15</sup> Grieco comenta essa amizade não sem um ranço de racismo: "Penso que os lusos deviam fasciná-lo [Machado], seja pelo influxo do sangue materno, seja porque os mulatos, à maneira do seu amigo e protetor Paula Brito, lhe devolviam, como num espelho irônico, perturbantes estigmas raciais" (GRIECO, Agripino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 220). Múcio Teixeira em sua obra

da Literatura Clássica no período, revelando como o largo interesse estatal e a consequente boa acolhida editorial desse legado são componentes de uma superestrutura extremamente sedutora aos escritores do período. À parte o valor intrínseco da milenar cultura clássica, ela facultava condições de diálogo e aproximação entre gerações com nacionalidade e formação distintas.

Além da dedicatória a *Os deuses de casaca* (1866),<sup>16</sup> Machado, em mais de uma ocasião, demonstra admiração literária em relação a Castilho José, seja por suas traduções,<sup>17</sup> seja pelo castiço de seu estilo.<sup>18</sup> Da parte de Castilho José, constam da biblioteca de Machado de Assis as famosas dedicatórias à *Arte de Amar* (1862) e à tradução das *Geórgicas* (1867), de Virgílio, em que Castilho José autografa pelos dois. Naquela lê-se "a J. M. Machado d'Assis, o poeta d'alma, e esperançoso ornamento das letras do Brasil. O[ferecem]. Antônio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho"; nesta, "Ao Príncipe dos Alexandrinos, ao Autor dos Deuses de Casaca, a J. M. Machado d'Assis, F. Castilho".<sup>19</sup>

---

*Os gaúchos*, viria depois justificar a acidez de sua resenha às *Poesias completas* de Machado nestes termos: "Machado de Assis incorreu na antipatia da mocidade brasileira por ter abandonado os seus compatriotas para fazer parte da camarilha lusitana do conselheiro José Feliciano de Castilho, que aqui vivia a hostilizar o nosso brasileiro" (TEIXEIRA, Múcio. *Os gaúchos*. Rio de Janeiro: Ribeiro & Maurillo, 1921. t. 2, p. 374-375).

<sup>16</sup> A datação das obras de Machado de Assis segue rigorosamente aquela de Galante de Sousa. Cf. SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.

<sup>17</sup> Comentando a tradução do canto VI da *Farsália* em suas crônicas *Ao acaso* (29.11.1864): "Os leitores desta folha tiveram ocasião de apreciar a formosíssima tradução de um canto da *Farsália*, de Lucano, feita pelo Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho" (ASSIS, Machado de. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1955. p. 274). Dois versos da mesma tradução aparecem citados, no conto *Decadência de dois grandes homens*, introduzidos pelo seguinte elogio: "o que me trouxe à memória os versos de Lucano que o Sr. Castilho José nos deu magistralmente assim" (ASSIS, Machado de. *Contos esquecidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 198-).

<sup>18</sup> Como em comentário que encerra a resenha da biografia de D. Pedro V (22.02.1862): "Deu-nos o Sr. Castilho José mais uma ocasião de apreciar os conhecimentos profundos da língua que possui" (ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1955. p. 27). Em carta aberta a Castilho José, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 19.08.1865, em que tratava do drama *Os primeiros amores de Bocage*, de Mendes Leal, Machado dirige-se a ele com o epíteto "mestre e senhor", elogiando, em seguida, seus estudos sobre Bocage: "foi V. Ex.<sup>a</sup> [Castilho José] o primeiro que, depois de acurado estudo e prodigiosa investigação, nos deu uma excelente biografia do grande poeta"(ASSIS, Machado de. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: Jackson, 1955. p. 179). Nas exéquias feitas ao poeta Castilho Antônio, que *A Semana Ilustrada* trouxe em 04.06.1875, Machado elogia o estro de Castilho José com o lisonjeiro epíteto de "talento possante" (ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*, cit., v. 3, p. 1216).

<sup>19</sup> MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis, cit., p. 40. As relações entre os Castilhos e Machado estão entre os assuntos tratados na tese, infelizmente pouco divulgada, de Marcelo Sandman. Apresentei aqui, em linhas gerais, algumas referências mútuas desses três personagens, muitas delas pesquisadas antes de conhecer a tese. Entretanto, fica a indicação aos interessados em uma visão mais detalhada do tema: SANDMAN, Marcelo. *Aquém-Além-Mar: presenças portuguesas em Machado de*

A pensar que essas dedicatórias foram feitas quando do lançamento desses volumes, é fácil comprovar que a carreira brilhante de Machado consolidara em 1866 a esperança depositada em 1862. O epíteto "poeta d'alma" pode ter por fonte o poema, em alexandrinos, "Aspiração", dedicado ao amigo Faustino Xavier de Novais. O poema saiu no jornal *O futuro*, de 01.10.1862. A consagração nos termos de "príncipe dos alexandrinos" só ratifica em foro íntimo as palavras de Pinheiro Chagas saídas em Lisboa no ano anterior. Depois de censurar nos *Deuses de casaca* limitações no desenvolvimento do tema, ele traça o seguinte elogio em nota saída no *Anuário do Arquivo Pitoresco* em 1866:

a comédia tem rasgos felicíssimos e está sobretudo escrita num estilo tão elegante, tão desprezioso, tanto à Musset enfim; os alexandrinos correm com tanta fluência, a frase arredonda-se com tanto primor, lampeja o estilo tão feiticeira luz, que não podemos deixar de recomendar esta peça como uma das mais graciosas composições de que nossa literatura (luso-brasileira) se ufana.<sup>20</sup>

Ora, o elogio ao uso do alexandrino de certa forma enfatiza a adesão de Machado à poética vigente, uma vez que foi Castilho Antônio o grande divulgador desse verso em contexto lusófono – a primeira edição de seu *Tratado de metrificação portuguesa* é de 1851.<sup>21</sup> Considerando a crítica ao novo metro presente no poema "Embirração" de Faustino Xavier de Novais – resposta pícaro aos alexandrinos machadianos de "Aspiração" acolhida generosamente na primeira edição de *Crisálidas* –, fica claro que, não obstante a suspeita de seus pares, Machado de Assis adere à proposta castilhiana.<sup>22</sup>

---

Assis. 2004. 490 ff. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

<sup>20</sup> CHAGAS, Pinheiro. Os deuses de casaca. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). *Machado de Assis*, cit., p. 70.

<sup>21</sup> Apresento o testemunho: "não será fácil atinar com a razão por que um verso mais espaçoso, que todos os outros, por consequência, mais capaz de pensamento, e com uma partição simétrica, o que para o espírito de quem os faz, e para o agrado de quem os lê, é ainda uma vantagem, tem sido até hoje tão escassamente cultivado em nossa língua. Não dizemos que se proscruva o nosso heroico para dar entrada ao peregrino; mas que mal haveria em o cultivarmos em mais abundância?" Cf. CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Tratado de metrificação portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. p. 42.

<sup>22</sup> Jean-Michel Massa, um crítico elogiado por Antonio Candido por sua imparcialidade, sempre fala com grande ressentimento da relação entre Machado e os irmãos Castilho. Talvez esse exposto anti-lusitanismo tenha provindo da leitura de Romero, Grieco e Teixeira. Todavia o próprio pesquisador francês declara, não sem ironia: "Será por haver dedicado a peça [*Os deuses de casaca*] a José Feliciano de Castilho que teve Machado de Assis uma crítica favorável em Lisboa? A "diáspora" dos Castilhos

A tradução dos *Amores*, de Ovídio (1858), foi a primeira obra publicada no Brasil a se servir largamente desse metro e curiosamente foi no final de 1858 que Machado publicou no *Correio Mercantil* seu primeiro poema em alexandrinos: "O progresso – Hino da mocidade", a 30 de novembro. Convém acrescentar o fato de que na segunda edição do *Tratado de metrificação*, de 1858, Castilho Antônio menciona como exemplo de poemas seus nesse metro a *Epístola a Sua Majestade a Senhora Imperatriz do Brasil D. Teresa*,<sup>23</sup> de modo a envolver diretamente o trono brasileiro na campanha pelo alexandrino.

A adoção do metro e o influxo da tradição greco-romana, pedras de toque da atividade literária dos Castilhos, talvez tenham angariado a simpatia dos editores da *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, que em 1864 publicaram em Lisboa o que parece ser a edição *princeps* da primeira parte dos "Versos a Corina".<sup>24</sup> Chamo atenção para o fato de Castilho José também ter publicado um excerto de Lucano nessa revista, que teve Castilho Antônio como colaborador efetivo em quatro dos cinco volumes editados. A considerar a incomensurável dificuldade de divulgação da Literatura Brasileira em Portugal,<sup>25</sup> parece-me muito verossímil supor que a proximidade temática e formal que o poema "Versos a Corina" tem com os exercícios literários dos Castilhos pode ter favorecido a primeira publicação internacional de Machado de Assis. Uma vez que a versão da *Revista Contemporânea* tem ligeiras diferenças com a definitiva, tal qual conhecemos hoje, apresento abaixo a sua transcrição já procedendo à atualização ortográfica, mas preservando a pontuação original:

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo  
Numa hora de amor, de ternura e desejo,  
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,

---

reconhecia em Machado de Assis um dos seus". MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. 2. ed. rev. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 418. Sobre o juízo de Antonio Candido cf. prólogo desta mesma edição.

<sup>23</sup> CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Epístola a Sua Majestade a Senhora Imperatriz do Brasil D. Teresa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1856.

<sup>24</sup> "As datas indicariam como 1.<sup>a</sup> reprodução pública a da publicação no *Correio Mercantil* [21.03.1864]. Do exame do texto infere-se, entretanto, ser esta a 2.<sup>a</sup>; a 1.<sup>a</sup> é da *Revista Contemporânea Brasil-Portugal* [sic]. Explica-se: [...] com os lentos e precários meios de transportes de há um século, nada de admirar que um original enviado do Brasil em março ou abril só pudesse ser publicado em agosto" (ASSIS, Machado de. *Poesias completas*, cit., p. 60-61).

<sup>25</sup> Em artigo recentíssimo pode ser encontrado um primoroso relato dessa dificuldade. Cf.: GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Uma vocação em busca de línguas: Notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis. *Luso-Brazilian Review*, v. 46, n. 1, 2009, p. 36-44.

Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor; Depois, depois vestindo a forma peregrina, Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!	5
De um júbilo divino os cantos entoava A natureza mãe, e tudo palpitava, A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude, De uma vida melhor e nova juventude.	10
Minha alma adivinhou a origem do teu ser; Quis cantar e sentir; quis amar e viver; À luz que de ti vinha, ardente, viva, pura, Palpitou, reviveu a pobre criatura; Do amor grande, elevado, abriam-se-lhe as fontes, Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes; Surgiu, abrindo em flor, uma nova região; Era o dia marcado à minha redenção.	15
Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim: Corpo de fascinar, alma de querubim; Era assim: fronte altiva e gesto soberano, Um porte de rainha a um tempo meigo, ufano, Em olhos senhoris uma luz tão serena, E grave como Juno, e bela como Helena! Era assim, a mulher que extasia e domina, A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!	20 25
Neste fundo sentir, nesta muda ansiedade, Deixa-me ao teu fulgor, astro da mocidade, Viver como nasceste, ó beleza, ó primor, De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.	30
Viver – fundir a existência Em um ósculo de amor, Fazer de ambas – uma essência, Apagar outras lembranças, Perder outras ilusões, E ter por sonho melhor O sonho das esperanças De que a única ventura Não reside em outra vida, Nem vem de outra criatura; Unir um seio a outro seio, Derramar as mesmas lágrimas E tremer do mesmo enleio, Ter o mesmo coração, A mesma vida viver Tal era a minha ambição.	35 40 45
Donde viria a ventura Desta vida? Em que jardim Colheria esta flor pura?	

Em que solitária fonte Iria esta água beber? Em que encendido horizonte Podiam meus olhos ver Tão meiga, tão viva estrela, Abrir-se e resplandecer?	50     55
Só em ti: – em ti que és bela, Em ti que a paixão respiras, Em ti cujo olhar se embebe Na ilusão de que deliras, Em ti, que um ósculo de Hebe Teve a singular virtude De encher, de animar teus dias, De vida e de juventude...	60
Amemos! Diz a flor à brisa peregrina, Amemos! Diz a brisa, arfando em torno à flor; Cantemos esta lei e vivamos, Corina, De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.	65

A identificação dos elementos da estética castilhana sobre a forma de "Versos a Corina" tem sido, contudo, relegada a segundo plano, fato esse embasado por uma interpretação de caráter biográfico proposta pelo próprio Machado, que em carta a Carolina indica a mulher causadora daqueles versos:

A minha história passada do coração resume-se em dous capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo. A tua pergunta natural é esta: Qual destes dous capítulos era o da Corina? Curiosa! Era o primeiro. O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo.<sup>26</sup>

Possivelmente Cláudio Murilo Leal, o organizador da recém-lançada edição de *Toda poesia de Machado de Assis*, ratifica, no que toca a esse poema, aquela curiosidade de Carolina. Apesar de ressaltar que "a poesia cerebral de Machado de Assis inspira-se principalmente nas fontes literárias mais que nos fatos da vida",<sup>27</sup> o crítico assume a inevitabilidade da leitura biográfica em relação a "Versos de Corina",

---

<sup>26</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*, cit., v. 3, p. 1348.

<sup>27</sup> ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*, cit., p. 15.

que é tratado como exceção dentro do *corpus* machadiano por conta de sua "ultra-subjetividade". Mas, por que devemos, curiosos, tomar partido de Carolina e não compreender a história passada do coração machadiano pela metáfora livresca que ele mesmo externou? Os amores são capítulos. O amor correspondido equivale a um "romance sombrio" do qual se optou "rasgar a página", o capítulo de Corina é aquele do amor idealizado.

Magalhães Júnior, também em interpretação biografista já clássica no contexto dos estudos machadianos, banaliza as leituras de Literatura Latina do poeta e seu conhecimento da tradução dos *Amores* recém-publicada, identificando no romance *Corina*, de Mme. de Staël, a ascendência da personagem homônima cantada pelo eu-lírico machadiano.<sup>28</sup> O biógrafo, ávido por exaltar a inteligência de Gabriela da Cunha – presumível dona do pseudônimo – com a da heroína do romance, equivocou-se na determinação da "forma peregrina" em que o canto se transveste (cf. a parêntese dos versos 5 e 6).<sup>29</sup> Atenuando o veio biográfico, a leitura de Mário Curvello parece acertar na determinação do tom desse poema: "percebe-se na construção do poema a intenção do 'vate de Corina' em dar ao sentimento romântico um acento clássico".<sup>30</sup> Sobre essa filiação clássico-ovidiana, trago à baila parte dos 26 versos,<sup>31</sup> expurgados pelo próprio Machado da terceira parte dos "Versos a Corina" na edição de *Poesias completas* (1901):

É o amor que une Ovídio à formosa Corina;  
O de Cíntia a Propércio, o de Lésbia a Catulo;  
O da divina Délia ao divino Tibulo  
Esta a glória que fica, eleva, honra e consola;  
Outra não há melhor. Se faltar esta esmola,  
Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão,[...]

---

<sup>28</sup> MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. Adeus a Corina. In: \_\_\_\_\_. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira; Brasília: INL, 1981. p. 213-227. A referência sobre a *Corina* de Mme. de Staël encontra-se na p. 219 do primeiro volume.

<sup>29</sup> "Depois, depois vestindo a forma peregrina,/ aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!". Doravante, todas as citações da primeira parte de "Versos a Corina" têm como fonte a edição *princeps*: ASSIS, Machado de. *Versos a Corina*. *Revista Contemporânea Portugal e Brasil*, Lisboa: Tip. Franco-Portuguesa, 1865, t. 5, abril de 1864, p. 256-258.

<sup>30</sup> Cf. CURVELLO, Mário. Falso a poesia de Machado de Assis. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

<sup>31</sup> Sirvo-me do excerto como encontrado em ASSIS, Machado de. *Poesias completas*, cit., p. 162. Chamo atenção para o provável equívoco na transcrição desses versos na *Obra completa em quatro volumes*, cit., v. 3, p. 644, já que foram reproduzidos ali apenas 22 versos desse expurgo.

Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranquilo,  
Nenhuma glória há de nunca atraí-lo.<sup>32</sup>

Ora, "surgiste-me Corina" – que aparece também ao fim da metalinguística<sup>33</sup> parelha dos versos 5 e 6 de Machado – seja no nome da personagem, seja na sugestão imagética reescreve o "Eis vejo entrar Corina" que abre a quinta estrofe da Canção V de Ovídio traduzida por Castilho Antônio. Aliás, a *mise-en-scène* dessa canção ovidiana, que pode ser verificada no excerto abaixo transcrito, prossegue imitada na quarta estrofe da primeira parte de "Versos a Corina":

Que avisto! Que mulher!  
Que estátua de Ciprina houve jamais tão bela,  
Como ela em tal nudez!  
Nem um senão descobres  
Aos nobres dons que vês.  
Que ombros! que braços nus! que botões em dois mundos!  
Jucundos vejo arfar...  
Por lábios abrasados,  
Rosados, a chamar!  
E o peito! o ventre! o lado! o airoso da estatura!  
Cintura tão gentil,  
e coxa que se espreita,  
Refeita e juvenil!...<sup>34</sup>

Na descrição desse sonho de mulher se pode entrever a aura do poema de Ovídio. Ainda que o apelo deste último seja mais carnal, há claros paralelos: 1) na caracterização da personagem através de exclamações; 2) na comparação com Vênus ("Ciprina"), emulada em Machado com Juno e Helena; 3) nos dotes "nobres" da musa que no brasileiro se traduzem em soberania e realeza.

Para além dessas relações temáticas e imagéticas, "Versos a Corina" é vazado inteiramente na forma peregrina divulgada na edição dos *Amores*, apesar da adesão não apenas aos alexandrinos, mas à mistura de metros defendida pelos Castilhos:

---

<sup>32</sup> Na edição de *Toda a poesia* organizada por Leal, embora ele manifeste que ali "os livros de Machado retomam a sua formatação original", não são transcritos por possível descuido esses versos constantes na edição de *Crisálidas* de 1864. Cf. ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*, cit., p. 20.

<sup>33</sup> Designo-a assim porque o poeta nela declara que o poema é vazado em uma "forma peregrina", no primeiro dos versos, e, no segundo deles, remete intertextualmente à Canção V de Ovídio, na tradução castilhiana.

<sup>34</sup> OVÍDIO. *Os amores de P. Ovídio Nasão*, cit., v. 1, p. 64.

Ora como a variedade seja, em cousas de arte e luxo, condição muito principal, era claro que, se às duas medidas vulgares do hendecassílabo e do octossílabo, que são todo o nosso haver heroico e lírico, se pudessem ajuntar, não só o alexandrino, mas quaisquer outras combinações métricas, em o diligenciar se faria boa obra, e boa avença se levaria em o conseguir; de mais a mais, que assim ficava o escritor mais sortido de tintas de melodia para acertar, pelo natural, com as cores do seu pensamento. Esta tentativa foi a que eu fiz na minha tradução dos *Amores* do Ovídio.<sup>35</sup>

A título de comprovação, essa preceptística da variedade é adotada por Machado: na primeira parte encontram-se alexandrinos e heptassílabos; na segunda, decassílabos com heptassílabos; na terceira, decassílabos; na quarta, alexandrinos; na quinta, decassílabos; na sexta, alexandrinos e hexassílabos. Ademais, a imitação chega mesmo no rol das rimas. Como Manuel Bandeira já comentara —<sup>36</sup> diga-se, em ensaio surpreendentemente excluído da nova edição da *Obra completa* da Nova Aguilar —, salta aos olhos em "Versos a Corina" "a forma já mais cuidada, sobretudo nos alexandrinos, bem policiados, e até em [na parte] IV alternando regularmente os versos graves e agudos". Acrescento que essa alternância entre versos graves (terminados em paroxítonas) e agudos (terminados em oxítonas), pode ser inspirada na mesma Canção V de Ovídio, como se pode verificar no excerto acima transcrito.

Ainda no campo das rimas que avançam sobre o arranjo estrófico, pesam ainda a favor da hipótese de a forma peregrina adotada por Machado provir dos *Amores*, as duas estranhas estrofes de 17 versos<sup>37</sup> heptassílabos da primeira parte de "Versos a Corina". Confronto no quadro abaixo o esquema estrófico da segunda das estrofes extravagantes:

Canção XIV	Rimas	Parte I de "Versos a Corina"	Rimas
Assim desgrenhada,	a	Donde viria a ventura	a
Assim recostada,	a	<b>Desta vida? Em que jardim</b>	x

---

<sup>35</sup> OVÍDIO. *Os amores de P. Ovídio Nasão*, cit., v.6, p. 235.

<sup>36</sup> BANDEIRA, M. O poeta. In: ASSIS, M. de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. v. 3, p. 5. Surpreendentemente, na recente edição da Aguilar, esse ensaio de Bandeira foi excluído.

<sup>37</sup> A bem da verdade a primeira dessas estrofes na versão da *Revista Contemporânea*, como se pode verificar na transcrição acima, possui 16 versos, fato que foi revisto na versão em livro de 1864, na qual o verso "Confundir olhos nos olhos" foi introduzido após o verso 40. Creio que essa emenda é mais um argumento em favor da imitação castilhana sobre a qual argumento aqui.

Brilhavas qual brilha	b	Colheria esta flor pura?	a
Bacante inocente	c	Em que solitária fonte	b
Do Ródope filha,	b	Iria esta água beber?	c
Que incauta, imprudente,	c	Em que incendiado horizonte	b
Após longas festas	d	Podiam meus olhos ver	c
Em tácito abrigo	e	Tão meiga, tão viva estrela,	d
Das pátrias florestas,	d	Abrir-se e resplandecer?	c
Sem medo ao perigo	e	Só em ti: — em ti que és bela,	d
De um sátiro audaz,	f	Em ti que a paixão respiras,	e
<b>O tirso e a grinalda</b>	x	Em ti cujo olhar se embebe	f
Pendendo na selva,	g	Na ilusão de que deliras,	e
O corpo lançando	h	Em ti que um ósculo de Hebe	f
Na flórida relva,	g	Teve a singular virtude	g
Está dormitando	h	De encher, de animar teus dias,	e
Em mórbida paz.	f	De vida e de juventude...	g

Trata-se de uma estrofe de número ímpar de versos que mescla uma décima e uma sextina,<sup>38</sup> às quais se soma um verso solto (sem rima), que assinalei no quadro acima pelo negrito. Acontece que Castilho insere o verso solto na sextina, e Machado, por sua vez, prefere-o na décima. Como estamos comparando os dois excertos, se se desconsiderar, para efeito de cálculo, os versos soltos, percebe-se o paralelismo métrico das duas estrofes, cuja diferença mais marcante reside nas rimas da sextina, que contam com uma rima soante a mais no texto de Castilho.

Canção XIV	Rimas	Parte I de "Versos a Corina"	Rimas
Assim desgrenhada,	a	Donde viria a ventura	a
Assim recostada,	a	Colheria esta flor pura?	a
Brilhavas qual brilha	b	Em que solitária fonte	b
Bacante inocente	c	Iria esta água beber?	c

<sup>38</sup> Prefiro adotar sextina, modo como Castilho Antônio denomina a estrofe de seis versos, ao invés de sextilha, termo mais comumente usado entre nós.

Do Ródope filha,	b	Em que incendiado horizonte	b
Que incauta, imprudente,	c	Podiam meus olhos ver	c
Após longas festas	d	Tão meiga, tão viva estrela,	d
Em tácito abrigo	e	Abrir-se e resplandecer?	c
Das pátrias florestas,	d	Só em ti: — em ti que és bela,	d
Sem medo ao perigo	e	Em ti que a paixão respiras,	e
De um sátiro audaz,	f	Em ti cujo olhar se embebe	f
Pendendo na selva,	g	Na ilusão de que deliras,	e
O corpo lançando	h	Em ti que um ósculo de Hebe	f
Na flórida relva,	g	Teve a singular virtude	g
Está dormitando	h	De encher, de animar teus dias,	e
Em mórbida paz.	f	De vida e de juventude...	g

A proximidade do labor machadiano ao encontrado na tradução de Castilho Antônio – com o agravante do exotismo dessa estrofe de 17 versos – parece não deixar dúvidas de terem sido as canções dos *Amores* um modelo dos "Versos a Corina", poema que até hoje despertou grande interesse da crítica por questões de caráter biográfico. A resposta à pergunta "quem foi Corina?" sempre fascinou os machadianos, que só muito recentemente têm se perguntado "o que significa 'Versos a Corina'?" Mário Chamie já dissera que "Corina não é necessariamente uma mulher, não é necessariamente uma musa; é sobretudo o emblema da escrita, porque é a escrita que, segundo Machado, 'vai reunir o céu ao mar'. E é assim que Machado fala de Corina. Corina une o céu ao mar".<sup>39</sup> Sigo aqui a senda de Chamie, interpretando "Versos a Corina" como um ousado e bem sucedido exercício de escrita (neo)clássica de Machado de Assis, exercício que se fez possível, em grande parte, pela promoção da Literatura e da Cultura Latinas desempenhada no Brasil por José Feliciano de Castilho.

Brunno V. G. Vieira

<sup>39</sup> CHAMIE, Mário. A poesia de Machado de Assis. *Conferência apresentada no "Ciclo Machado de Assis cronista e poeta"*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, dez. 2000. Disponível em: [http://www.academia.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&inford=266&sid=37](http://www.academia.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=machadodeassis&inford=266&sid=37). Acesso em: 28 ago. 2009.

UNESP / FAPESP  
Araraquara, Brasil

Brunno V. G. Vieira é tradutor de Latim e leciona conteúdos de Língua e Literatura Latina na Graduação e na Pós-Graduação da UNESP/Araraquara. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Linceu – Visões da Antiguidade Clássica (CNPq) e atualmente desenvolve o projeto de pesquisa "José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no séc. XIX" com apoio da FAPESP. Tem publicações envolvendo tradução de poesia latina e sua recepção em contexto lusófono.